

PEQUENAS CIDADES, ESPAÇO E COLONIALIDADE

Reflexões sobre método a partir de uma perspectiva cartográfica e narrativa

Bárbara Ellen Guimarães Armange
Daniele Caron
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO | Esta escrita busca refletir sobre questões de método acionadas pela problemática do espaço em pequenas cidades a partir da ação da colonial-modernidade. Entendemos que a construção de uma metodologia se dá a partir do entendimento amplo da problemática, nesse sentido, construímos o texto em quatro partes. Num primeiro momento, apresentamos a questão das pequenas cidades e sua relação com a ideia de atraso e progresso como narrativas únicas de futuro; em seguida, introduzimos o espaço como nossa categoria de análise a partir de Doreen Massey (2008), buscando traçar relações com a colonial-modernidade; na terceira parte entra em cena o caso a ser abordado, portanto, apresentamos a pequena cidade de Brochier-RS e retomamos as questões sobre espaço de forma contextualizada para esta realidade; por último, chegando ao objetivo de nossa escrita, ensaiamos costuras teóricas acerca do método, convidando a abordagem cartográfica e narrativa para dar conta de encarar a problemática apresentada.

Palabras clave: cidades pequenas, colonialidade, espaço, método

ABSTRACT | This writing seeks to reflect on methodological issues triggered by the problem of space in small towns within the context of colonial-modernity. We understand that the construction of a methodology arises from a comprehensive understanding of the problem. Therefore, we structure the text into four parts. Firstly, we present the issue of small towns and their relation to the notions of backwardness and progress as singular narratives of the future. Next, we introduce space as our analytical category drawing from Doreen Massey (2008), aiming to establish connections with colonial-modernity. The third part brings forth the case to be addressed; thus, we introduce the small town of Brochier-RS and revisit spatial issues within its contextualized reality. Finally, reaching the objective of our writing, we attempt theoretical connections concerning the method, advocating for a cartographic and narrative approach to effectively address the presented problem.

Keywords: small towns, coloniality, space, method

1. Introdução

As pequenas cidades não figuram dentre os temas mais estudados ou considerados relevantes nos estudos urbanos. No entanto, podemos nos questionar acerca do papel político que desempenham dentro da colonial-modernidade a partir de suas particularidades, como as relações entre os âmbitos construído e natural e o entrelaçamento entre as realidades urbano e rural. Como nos coloca Doreen Massey (2008), o modo como imaginamos o espaço tem seus efeitos sociais e políticos. Desse modo, ao lançarmos o olhar para as pequenas cidades, podemos acionar pistas que se diferenciam daquelas acionadas pelas grandes e médias no que diz respeito ao modo de operar o espaço na lógica moderno-colonial.

As mãos que compõem a escrita deste texto pertencem a duas mulheres cuja trajetória se dá na interface urbano-rural da vida. Movidas pelos vazios que compõem certo distanciamento da realidade rural junto ao urbanismo e das inquietudes acerca das cidades que ficam à margem dos interesses dos estudos urbanos. Além disso, a partir das práticas de pesquisa que envolvem as escritoras, é pertinente a inclinação por temas que escapam à ordem hegemônica, ao convite daquilo que escapa ao olhar totalitário e colonial que paira sobre o pensar acerca do espaço e das cidades. Práticas estas, que envolvem uma abordagem narrativa, interessada nas lógicas discursivas que mantêm, ainda, regimes de autorização de invisibilização, neutralização e apagamento de vozes, gestos e modos.

Num primeiro momento deste artigo iremos abrir a perspectiva sobre as pequenas cidades buscando a construção de uma problemática capaz de apontar a presença dos desígnios da colonial-modernidade sobre estes espaços. Em seguida, contextualizaremos as questões apontadas no objeto de estudo, buscando também alinhar com as noções de espaço propostas por Doreen Massey (2008). Por último, diante da problemática, discutimos possíveis elaborações de método para a abordagem que dê sustentação a um estudo sobre o modo como o sistema-mundo moderno-colonial incide sobre as pequenas cidades, a partir do envolvimento com um corpus de pesquisa múltiplo que acolhe o âmbito documental, midiático e processual em uma perspectiva cartográfica e narrativa.

2. Espaços em trânsito entre o urbano e o rural: a narrativa única do progresso como horizonte para as pequenas cidades

A problemática a ser explorada se concentra na dinâmica que cria e recria os espaços das pequenas cidades como aquele permeado pela ideia do atraso, resultante de uma lógica de perseguição do progresso em termos de uma narrativa única moderna-colonial. Consideramos, dessa forma, que elas carecem de autonomia para definir seu próprio destino, pois estão emaranhadas numa rede de poder na qual respondem a lógicas pautadas por processos de racialização, dicotomização, exploração e apagamento.

A partir da consolidação do mito da modernidade (Dussel, 1993), há a definição de uma dicotomia que localiza de um lado o superior e desenvolvido e do outro o inferior e atrasado, endossando uma visão que abre precedentes para ações de dominação, em que o modernizado tem o dever de emancipar este imaturo,

o que se dá através da guerra e da violência, tanto material quanto simbólica. A partir disso, podemos traçar um paralelo acerca da relação entre cidades pequenas e cidades grandes ou médias. As grandes e médias cidades são postas como horizonte para as pequenas, que são consideradas insuficientes, incompletas e, sobretudo, atrasadas.

A dicotomia ligada à ideia de urbano-rural/cidade-campo se expressa a partir uma constelação semântica (Escobar, 2018) que associa a cidade/urbano “ao capitalismo, à burocracia ou ao poder centralizado” (Williams, 1989:390) ou mesmo à “todo lo bueno - civilidade, democracia, cultura, ciência, arte” (Escobar, 2018:21); enquanto ao rural/campo estão associadas às ideias de atraso, pobreza, precariedade e ignorância, sendo “significativo que a imagem comum do campo seja agora uma imagem do passado” (Williams, 1980:397).

Chamamos de espaços em trânsito entre o urbano e o rural os espaço das pequenas cidades, pois entendemos que, apesar do senso comum, o par dicotômico rural-urbano/campo-cidade não cabe mais, uma vez que o tecido urbano na contemporaneidade se espalha, levando tanto sua forma espacial quanto sua organização social para além dos limites da cidade, sendo a questão urbana a questão espacial em si (Monte-Mor, 2011).

O progresso se apresenta como alternativa única para o devir das pequenas cidades, agindo como um propulsor que não permite o olhar para as reminiscências e para as emergências que indicam caminhos outros da história a ser escrita. O imaginário do progresso é uma resposta ao imaginário do atraso, constituindo o par dicotômico progresso-atraso. A existência desse par dicotômico está ligada a um modo de saber e conhecer, ou seja, está associado à uma determinada episteme que permeia as visões de mundo e produção de subjetividades daqueles que administram e habitam as pequenas cidades.

3. Maneiras de pensar o espaço: a incidência da colonial-modernidade

O espaço atua e responde à ação da colonial-modernidade enquanto conjunto de forças atuantes nos campos social, econômico, político e civilizatório. As formas com que incorporamos a espacialidade às nossas maneiras de ser no mundo retroalimentam e sustentam noções mais amplas sobre o todo (Massey, 2008).

A modernidade foi constituída, em termos de ideias sobre o espaço, a partir de uma manobra fundamental, “a de tornar a heterogenia espacial coexistente uma única série temporal” (Massey, 2008:107). Conforme a autora coloca, essa manobra coloca o futuro como algo já contado, dado de antemão. Assim, o espaço é concebido de forma desprovida de novidade, eventualidade, tido como fechado e não como produto de interrelações. Ainda, a autora nos fala sobre como essa concepção de espaço exclui a presença e ação do outro, reprimindo as possibilidades de trajetórias múltiplas a partir da instauração de “universais fundantes” (Massey, 2008:110) ao negar a multiplicidade essencial do espaço.

A concepção de espaço que o reduz a uma superfície passível de cruzamento por mar e terra pressupõem, segundo Massey (2008:23), noções que acabam por considerar “povos, culturas, simplesmente como um fenômeno “sobre”

essa superfície” os desprovendo de sua história e trajetórias. De forma paralela, o racismo enquanto constitutivo da ordem moderno-colonial atribui valores desiguais “às pessoas, ao seu trabalho e aos seus produtos, bem como aos saberes, normas e pautas de existência próprias [...]” (Segato, 2018:66), sendo ele, sobretudo “epistêmico, no sentido de que as epistemes dos povos conquistados e colonizados são discriminadas negativamente” (Segato, 2018:66). Em termos de fabulação de futuros, a impregnação de narrativas únicas no imaginário sobre o espaço tende à condensa-lo à noção de tempo, ou seja, “reduz coexistências simultâneas a um lugar na fila da história” (Massey, 2008:24). Nesse sentido, para diferentes realidades, o mesmo caminho é tido como horizonte, possibilitando ordená-las em termos de alcance ou não desse horizonte. Podemos aproximar a noção de espaço como tempo e conseqüente produção de uma narrativa única e a insistente permanências de ideais de universalidade embasadas na noção colonial do eurocentrismo, que “distorce a produção de sentido, a explicação e o conhecimento” (Segato, 2018:58) à medida que reforça uma estrutura hierárquica que coloca como superior o referente branco e/ou europeu.

4. Brochier: entre aviários, estradas e uma história de colonização

Uma possível maneira de contar a história da cidade de Brochier passa por contar a história da chegada dos irmãos franceses de Marselha, João Honoré Brochier e Augusto Brochier, nos primórdios do ano de 1832. Esta é a história oficial que conta como a cidade se originou dos desbravamentos empreendidos pelos irmãos e outros imigrantes. Por hora, vamos ficar com esta versão. Algumas observações são feitas, a cargo dos travessões de meio de frase, que dizem: há relatos da existência de indígenas na região.

Em termos de municipalidade, Brochier é criada como distrito da cidade de Montenegro em 1973, posteriormente, a partir de 1987, a cidade inicia seu processo de emancipação junto de outro distrito, Maratá. Nesse mesmo ano é formada a cidade de Brochier do Maratá, que durou apenas quatro anos até a emancipação de Maratá, formando então os dois novos municípios vizinhos no ano de 1993. Segundo o Censo do IBGE (2022), a cidade de Brochier possui cerca de 4900 habitantes e 105km² de território, sendo 2,5km² considerada como área urbanizada. Segundo o Censo Agropecuário de 2017, em termos de lavouras permanentes, a maior quantidade delas está ligada a produção de cítricos como Laranja, Limão e Bergamota; Apesar desses dados, a cidade se auto designa como a Capital do Carvão Vegetal, pressupondo para si um papel produtivo que invisibiliza diversas outras maneiras de fazer e produzir existentes no espaço do município.

Brochier se apresenta como uma cidade muito orgulhosa por ser uma das únicas colonizadas por imigrantes franceses no estado do Rio Grande do Sul. A construção da identidade de Brochier estende-se pelo espaço da cidade e pode ser vista a partir de algumas iniciativas do poder público. Há cerca de 15 anos uma iniciativa da prefeitura previa a construção de uma réplica da Torre Eiffel como uma das ações de embelezamento e requalificação do espaço público. Ao chegar na cidade, os passantes podem ler no painel digital do pórtico da cidade as boas vindas no idioma português e francês. Por último, o hino da cidade é cantado e tocado no ritmo e melodia da Marseillase francesa.

Estão presentes também indícios da extensão da globalização nos territórios rurais, ligados à crescente adesão por parte de agricultores aos modelos de integração da avicultura, associados às empresas internacionais como JBS S.A. ou BRF Brasil Foods. A implantação desses aviários possuem consequências ambientais e sociais, produzindo rompimentos sobre a memória dos lugares e o desmantelamento de práticas associadas à natureza e ao território perpetuadas por gerações e que ainda conservavam determinados modos de vida e relação entre humanos e natureza.

A Rodovia Transcitrus cruza a região do Vale do Caí e sua função é, primeiramente, o escoamento da mercadoria produzida nesta região e, em segundo plano, tornar-se uma via turística. Essa rodovia corta o município de Brochier ao meio e a questão do asfaltamento dessa estrada é, há pelo menos vinte anos, explorada como bandeira eleitoral dos partidos políticos da cidade. No entanto, se há pelo menos vinte anos é motivo de disputas eleitoreiras, também a esse mesmo tempo é uma eterna promessa já que somente alguns trechos da estrada foram asfaltados e, enquanto outros seguem na promessa, alguns já demandam reformas. Ainda, a constituição da rota turística promove, enquanto iniciativa econômica vinculada ao Estado, a construção de uma identidade para a região, identidade esta narrada em termos específicos que exaltam a presença alemã e francesa, ou seja, privilegiam uma história específica de colonização sobre este território na construção de, podemos dizer, um branding que coloca esta região como um produto consumível.

A partir disso, se as formas como pensamos o espaço têm suas consequências, então temos que observar o conjunto de narrativas que compõem a ideia de espaço nas pequenas cidades. Em Brochier, as narrativas da colonização, em especial a francesa, buscam constituir uma identidade para a cidade, pautada na reprodução de uma história única.

Portanto, a partir do exposto, nos inquietamos sobre como o espaço das pequenas cidades reflete uma narrativa do atraso e com isso mantêm o status-quo do sistema-mundo moderno-colonial, pautado na ideia de desenvolvimento e progresso a partir de processos exploratórios e extrativistas nestes territórios? Quais narrativas de Brochier é preciso emergir para embasar uma discussão crítica sobre o espaço em trânsito entre o urbano e o rural das pequenas cidades e seu papel político em território?

5. Ensaio sobre método: processos em curso e familiaridade a partir de uma abordagem narrativa e cartográfica

Se às pesquisas sobre humanidades são também recomendados os fundamentos das pesquisas sobre natureza e saúde, o que resta para aqueles que não se furtam de carregar de afetos e subjetividades seus escritos? Aqueles que se deixam afetar, que se constroem e se destroem conforme a experiência de mundo que atravessam? Estaria a pesquisa em humanidades ou, neste caso, em ciências sociais aplicadas, condenada a reproduzir os ideais de uma verdade absoluta e verificável contida num estudo reprodutível? Em busca de uma saída e de uma formulação capaz de erguer uma metodologia que não se encerre numa subjetividade individualizada, é necessário um esforço inventivo sobre o problema de método.

Dito isso, algumas perguntas emergem ao considerarmos o contexto da re-

lação entre a vivência de quem pesquisa e a realidade a ser pesquisada. No caso desta pesquisa em pleno desenvolvimento, é dado o fato de que a pesquisadora em questão está intimamente ligada ao lugar, uma vez que cresceu nesta cidade para onde ainda retorna devido a laços familiares. Nesse sentido, nos perguntamos: como se dá o envolvimento com essa cidade e seu espaço a partir da pesquisa? Com qual corpo transitar por aquela realidade? Como se mobilizar a enxergar a partir do que é familiar?

Para conhecer a realidade constituinte da problemática da pesquisa e as narrativas que sustentam os desígnios moderno-coloniais espacializados nas pequenas cidades, a abordagem teórico metodológica proposta se alinha a uma epistemologia da experiência baseada na vida dos praticantes ordinários da cidade (Certeau, 2000) buscando reconhecer a multiplicidade e entender novas configurações originadas das práticas sociais que se fazem na vida concreta (Ribeiro, 2002:36). Dessa forma, optamos por desenvolver a pesquisa a partir do método da cartografia.

Segundo Ingold (2005), existe uma conexão intrínseca entre o ato de cartografar e o ato de narrar, pois estão intimamente ligadas às experiências e interações humanas com o ambiente, resultando numa tessitura das relações entre espaço, tempo e cultura, transcendendo sua função objetiva. Nesse sentido, o desenvolvimento de uma pesquisa cartográfica, longe de buscar uma representação do objeto científico - operando uma cisão entre este e o pesquisador, com vistas a caracterizar o processo de pesquisa como uma descoberta da verdade -, pressupõem uma metodologia capaz de emaranhar-se nos processos em curso que formam a tessitura do espaço em questão. Este emaranhar-se se dá a partir do entendimento de que o objeto, o sujeito e o conhecimento são coemergentes do fazer de uma pesquisa e, assim, priorizamos um primado da experiência baseado numa lógica do fazer-saber (Passos; Kastrup; Tedesco, 2013). O fazer-saber em questão desloca o processo de pesquisa para um determinado caminho que implica no envolvimento das pesquisadoras com a realidade problemática, com os agentes, a comunidade e as forças em questão, supondo uma inversão do sentido tradicional do método à medida que se define no andar do seu desenvolvimento.

A partir do processo de pesquisa visto como um caminhar onde se dá o fazer-saber através da experiência, entendemos que emerge uma dinâmica de “propagação da força potencial que certos fragmentos da realidade trazem consigo” (Passos; Kastrup; Tedesco, 2013). ou seja, é a partir da cartografia que buscamos entrar em contato com as narrativas que operam a incidência das formas da colonial-modernidade sobre as pequenas cidades. Ainda sobre o caminhar, é a partir desse ato fundamental da vivência urbana que é possível acionar uma postura errante (Jacques, 2006), ensaiando uma desorientação que aciona um devir-corpo que permite guiar-se mais pelas pernas, sentidos e incertezas do que pela mente racionalizada e planificadora, convidando também a lentidão como negação ao ritmo acelerado da vida imposta pela contemporaneidade. Percorrer o espaço e o corporificar é um convite à alteridade, pois coloca a pesquisadora em estreito contato com o Outro que co-habita a cidade. Assim, podemos alcançar o afastamento “da rítmica linear e funcional das concepções progressistas, para reconhecer, na dialética dos movimentos, uma perspectiva temporal do viver no contexto urbano [...]” (Eckert; Rocha, 2020:15).

Partimos da ideia de que “conhecer a realidade é acompanhar seu processo de constituição, o que não pode se realizar sem uma imersão no plano da experiência” (Passos; Kastrup; Tedesco, 2013:31). Portanto, a metodologia proposta deve caber a detectar os signos e forças de um processo em curso, que pode ser, a princípio, desconexo e fragmentado (Passos; Kastrup; Tedesco, 2013:33). Entendemos que tais processos se dão no espaço da cidade, seja ele urbano ou rural, e por isso, pressupomos que a pesquisadora possa habitá-lo, mantendo-se em contato e fluidez com as pessoas desse território existencial à medida que afeta e é afetado. Nesse sentido, é preciso permitir certa deriva da pesquisadora por entre o fluxo de forças existente, permitindo o encontro com a experiência. É através do fazer-saber que a pesquisadora deve realizar uma imersão na experiência, escapando do risco da neutralidade, entendendo o conhecer como a criação de uma realidade de si e do mundo (Passos; Kastrup; Tedesco, 2013).

Através da cartografia entendemos que não há uma coleta de dados, mas sim, uma produção de dados (Passos; Kastrup; Tedesco, 2013), que se dá a partir da transformação da experiência em conhecimento, em coprodução com os narradores da cidade. A partir disso, o reconhecimento atento da realidade sempre será incompleto e resultado de um modelo mnésico único e novo, a partir da expansão dos circuitos da cognição e da atenção dada pela cartógrafa, produzindo dados que já, na verdade, existiam numa determinada realidade (Passos; Kastrup; Tedesco, 2013). A ideia de produção de dados vai de encontro à postura de neutralidade, uma vez que pressupõem que todo ponto de vista é a vista de um ponto, admitindo as subjetividades da pesquisadora e do seu olhar próprio diante dos fenômenos, que são apreendidos de forma flutuante e escapam ao total domínio da consciência e da atenção.

6. Considerações Finais

Até aqui buscamos investigar a possível elaboração sobre método a partir de uma problemática, considerando uma abordagem cartográfica e narrativa. A intenção de pensar um método a partir de uma problemática reflete a aderência das pesquisadoras a um fazer-pesquisar que seja capaz de mobilizar uma postura científica distante das concepções do descobrimento de uma verdade universal e do distanciamento entre pesquisador e objeto. Além disso, outros fatores que fazem suscitar esforços de um pensar sobre rompimentos epistemológicos em relação aos cânones científicos são as necessidades de descolonizar os saberes buscando nas histórias não contadas uma infinita biodiversidade que coloca em dúvida a onipotência do pensamento branco ocidental (Caron et al, 2020).

Entendemos a necessidade de pensar criticamente as forças que atuam e sustentam o papel político das pequenas cidades ao questionar as formas mesmas de pensar a cidade e o método através do qual é possível acessar esse complexo. A reflexão sobre método constitui também uma tentativa de criar meios de imaginarmos outras cidades a partir de um vislumbrar de nexos outros capazes de indicar pistas para o pensar de um futuro que interpele a ordem vigente da colonial-modernidade.

A partir do questionamento da pesquisa, entendemos que a abordagem cartográfica e narrativa que fundamenta o método em construção pode dar a ver a lógica discursiva moderno-colonial que neutraliza e aprisiona as possibilidades

políticas e aspirações de futuros para as pequenas cidades. Dessa forma é possível mergulhar em um acompanhamento de processos, buscando compreender as múltiplas camadas de significado da experiência que o habitam. Em última análise, para além de mapear o território, mapear histórias e vivências que o tornam singular.

7. Bibliografia

CARON, D., ISOPPO, R. S., OLIVEIRA, K., & PERSEU, G. M. (2020). Narrativas à margem: deslocar epistemes para uma metodologia do comum. *V!RUS*, 20. <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/224893/001122295.pdf?sequence=1&isAllowed=y> (Acesso: 13/12/2023).

DE CERTEAU, M. (1994). *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Vozes.

DUSSEL, E. (1993). 1492: O Encobrimento do Outro: a origem do “mito da modernidade”. Vozes.

ECKERT, C., & ROCHA, A. L. C. da. (2024). A arte de narrar as (nas) cidades: etnografia de (na) rua, alteridades em deslocamento. *Revista Hawò (Goiânia)*, 1, 1–52.

ESCOBAR, A. (2018). Habitabilidad y diseño: la interdependencia radical y la terraformatividad de las ciudades. *Astrágalo. Cultura de la Arquitectura y de la Ciudad (Sevilla)*, 25, 19-44.

IBGE. (2020). *Censo Brasileiro*. Rio de Janeiro.

IBGE. (2017). *Censo Agropecuário*. Rio de Janeiro.

INGOLD, T. (2005). Jornada ao longo de um caminho de vida – Mapas, descobridor-caminho e navegação. *Religião e Sociedade (Rio de Janeiro)*, 1, 76-110.

Jacques, P. (2006). Elogio aos errantes. In P. Jacques & H. Jeudy (Orgs.), *Corpos e cenários urbanos* (pp. 117-139). UFBA.

MASSEY, D. (2008). *Pelo espaço: Uma nova política da espacialidade*. Bertrand Brasil.

MONTE-MOR, R. L. (2011). O que é o urbano, no mundo contemporâneo. *Revista Paranaense de Desenvolvimento – RPD (Curitiba)*, 111, 09-18.

PASSOS, E., KASTRUP, V., & TEDESCO, S. (2013). Dossiê Cartografia: Pistas do Método da Cartografia. *Fractal: Revista de Psicologia (Rio de Janeiro)*, 02, 217-220.

QUIJANO, A. (2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In E. Lander (Org.), *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas* (pp. 107-142). CLACSO.

RIBEIRO, A. C. T. (2006). Sociabilidade, hoje: leitura da experiência urbana. *Caderno CRH (Salvador)*, 45, 411-422. <https://doi.org/10.9771/ccrh.v18i45.18535> (Acesso: 10/01/2024).

SEGATO, R. (2021). Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda. Bazar do Tempo.

WILLIAMS, R. (1989). O campo e a cidade na história e na literatura. Companhia das Letras.

XVI Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo / Cristina Araujo Lima...
[et al.] ; Contribuciones de Josefina Dámaris Gutiérrez ; Compilación de Mónica S. Martínez. - 1a ed compendiada. - Córdoba : Editorial de la Facultad de Arquitectura, Urbanismo y Diseño de la Universidad Nacional de Córdoba ; Cataluña : Universitat Politècnica de Catalunya, 2024.
Libro digital, PDF

Archivo Digital: descarga y online
ISBN 978-987-8486-61-1

1. Urbanismo. I. Araujo Lima, Cristina II. Gutiérrez, Josefina Dámaris, colab. III. Martínez, Mónica S., comp.

CDD 711.007